

Diplomacia secreta

Governo alega que carta de Lula a Putin é pessoal e impõe sigilo

Casa Civil argumenta que se trata da vida privada do presidente; na contramão, petista fala em divulgar mensagem de Milei

FELIPE FRAZÃO
BRASÍLIA

A Presidência da República impôs sigilo sobre a carta do presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, a Vladimir Putin, enviada em março, com cumprimentos pela reeleição do colega russo. O inteiro teor não foi divulgado na ocasião e agora o governo decidiu aplicar uma regra ainda mais restritiva.

A Casa Civil da Presidência da República negou um pedido com base na Lei de Acesso à Informação, datado de 20 de março, com o argumento de que o "sigilo de correspondência" tem como fundamento "proteger a vida privada e a intimidade" do presidente. Segundo o Palácio do Planalto, a carta foi escrita pelo "cidadão Lula".

RELAÇÃO PESSOAL. Na contramão desta decisão sobre Putin, o próprio Lula disse, nesta semana, que divulgaria o conteúdo da terceira carta enviada a ele pelo presidente da Argentina, Javier Milei. Lula e

seu partido investem em relação amistosa com Putin – o que não ocorre com Milei. "O direito fundamental ao sigilo de correspondência pode ser invocado quando necessário para a proteção da vida privada e da intimidade do presidente da República", disse o governo.

O Planalto não especificou o prazo de vigência do sigilo, ao fim do qual a carta poderia se tornar pública. Servidores que analisaram pedidos similares entendem que cartas de viés pessoal podem ser mantidas em segredo por 100 anos – a não ser que haja consentimento expresso do remetente ou destinatário.

O pedido negado no dia 16 de abril solicitava o acesso à "íntegra da carta de Lula e Putin". Na resposta negativa, a Casa Civil lançou a alegação de mensagem de caráter pessoal. "Considerando as relações interpessoais que o presidente mantém cotidianamente, ainda que se tratem de correspondências mantidas com autoridades nacionais ou estrangeiras e mesmo que decorram do exercício do decorram, nem assim deixam de merecer a tutela dos direitos à intimidade e à privacidade."

MILEI. Na terça-feira, Lula disse que tinha interesse em tornar público o conteúdo de



Putin e Lula durante encontro no Palácio do Planalto, em 2004

uma carta enviada a ele por Milei. "Depois que eu ler, tenho interesse de que a imprensa saiba o que o presidente da Argentina quer conversar com o Brasil", afirmou durante café da manhã com jornalistas.

Uma semana depois de receber a carta de Milei, Lula afirmou que ainda não tinha lido a mensagem, entregue pela chanceler argentina, Diana Mondino, em sua primeira visita oficial a Brasília, em mãos ao ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira.

Diplomatas afirmam que Milei faz referência na carta a um encontro com Lula, de forma genérica, sem propor data. Em governos passados, o presidente costumava divulgar o

"O direito ao sigilo de correspondência pode ser invocado quando necessário para a proteção da vida privada e da intimidade do presidente"

Governo brasileiro ao rejeitar a divulgação do conteúdo da carta

teor de cartas recebidas e enviadas. Na ocasião do envio da carta a Putin, o russo havia sido reeleito com 87,3% dos votos para um quinto mandato de seis anos. Ele vai ficar no poder ao menos até 2030, tornando-se o mais longo líder russo a comandar o país, ultrapassando o ditador soviético

Josef Stalin.

O PT também enviou uma nota de "saudação" em nome do partido, assinada pelo secretário de Relações Internacionais, Romênio Pereira, que viajou a Moscou. Romênio disse que acompanhou a votação com "grande interesse" e parabenizou o partido Rússia Unida pelo "resultado expressivo".

Também em março, Lula disse que não era obrigado a lidar com Putin com o mesmo "nervosismo" dos europeus, por estar longe da guerra na Ucrânia. "Os dois bichos vão ter de se entender", disse, referindo-se a Putin e ao presidente da Ucrânia, Volodimir Zelenski.

PRÓ-RÚSSIA. A declaração de Lula se soma a outras favoráveis a Moscou. O brasileiro já disse que ucranianos e russos tinham responsabilidades similares no conflito, apesar de a Ucrânia ter sido invadida, e sugeriu que Zelenski cedesse a Crimeia, anexada em 2014 por tropas russas, para encerrar a guerra. A proposta repercutiu mal e foi rejeitada.

Ainda assim, Lula insiste que não tomou partido de ninguém, defende uma negociação de paz e se diz um "pacifista". Nesta semana, ele despachou mais uma vez a Moscou o ex-chanceler Celso Amorim, seu assessor para assuntos internacionais.

Lula pretende se encontrar com Putin em outubro na cúpula do Brics, em Kazan, e pode recebê-lo no Brasil para o G-20, mesmo Putin tendo contra si um mandato de prisão expedido pelo Tribunal Penal Internacional (TPI), por crimes de guerra. ●

Guerra em Gaza

Estudantes de Paris aderem aos protestos pró-Palestina dos EUA

PARIS

Estudantes franceses, inspirados pelas manifestações pró-Palestina em universidades dos EUA, bloquearam ontem o acesso ao Instituto de Estudos Políticos de Paris (Sciences Po), para pedir uma condenação das ações de Israel em Gaza.

Vários manifestantes ocuparam o edifício central do campus e dezenas de outros bloquearam sua entrada. Reunidos nas janelas do prédio, eles gritavam frases pedindo o fim da guerra e penduraram cartazes com os dizeres: "Somos todos palestinos", desafiando a administração da instituição que, dois dias antes, chamou a polí-

cia para reprimir um protesto semelhante.

O grupo pede uma condenação explícita das ações de Israel e o fim da colaboração com todas as instituições consideradas cúmplices do que julgam "opressão sistêmica ao povo palestino", segundo o Comitê Palestino do Sciences Po, que também exige o fim da "repressão às vozes pró-Palestina no campus".

No meio da tarde, a tensão aumentou quando 50 manifestantes pró-Israel, alguns deles com a cabeça coberta e outros usando capacetes de moto, chegaram para enfrentar os estudantes, obrigando a polícia a separar os grupos, que juntos somavam 200 pessoas. ●

A direção decidiu fechar vários locais do campus parisiense e condenou as ações. "Sim ao debate, não ao bloqueio", disse a ministra da Educação Superior, Sylvie Retailleau.

Os protestos emulam a agitação que se multiplica em universidades dos EUA – nos últimos dias, manifestações foram registradas em pelo menos 23 centros de ensino em 11 Estados americanos.

CONFRONTO. Na quarta-feira, mais de 100 manifestantes pró-Palestina ocuparam um anfiteatro da Sciences Po. A maioria concordou em sair após negociações com a direção, mas um pequeno grupo permaneceu e teve de ser retirado à força pela polícia.

Em comunicado, o Instituto de Estudos Políticos de Paris condenou "veementemente as ações estudantis que impedem o bom funcionamento da instituição e penalizam alunos, professores e funcionários". ● AFP e AP

Disputa global

Em visita a Pequim, secretário de Estado dos EUA cobra China sobre Ucrânia e Oriente Médio

O secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, cobrou ontem uma participação mais ativa da China na redução da tensão na Ucrânia e no Oriente Médio. Blinken se reuniu em Pequim com o presidente chinês, Xi Jinping, e com o chanceler, Wang Yi. ●

Estados Unidos

Homem negro é imobilizado, mas morre após abordagem violenta de policiais em Ohio

Um homem negro morreu em Ohio após ser detido por policiais. Algemado, Frank Tyson, de 53 anos, chegou a dizer repetidas vezes a frase: "Não consigo respirar". O caso ocorreu na semana passada, mas foi conhecido ontem após a divulgação das imagens da câmera corporal de um dos policiais. ●

Reino Unido

Charles III retomará agenda durante tratamento contra câncer, anuncia Palácio de Buckingham

O rei Charles III retomará sua agenda na semana que vem, depois de os médicos expressarem otimismo com o progresso de seu tratamento contra o câncer, disse ontem o Palácio de Buckingham. O primeiro compromisso será uma visita a um centro de tratamento de câncer, na terça-feira. ●